

Marta Dacosta*

“Ordenemos o universo” e outros poemas

ORDENEMOS o universo
arrombemos constelacións e órbitas
saquemos brillo á Polar
e a todas as que nos guían.

Descolguemos as nubes,
lavar, dobrar, gardar,
as súas extensións inútiles,
incómodas para a viaxe.
Eu son Penélope
e rexeito teas e fíos
non te vou agardar.

Ordenemos o universo
lavemos a cuberta e botemos pola borda
tanto lastre inútil,
e así, sen peso,
co universo ordenado
debuxemos un mapa para a viaxe.

As amantes de Hamlet, 2003

ORDENEMOS o universo
arrumemos constelações e órbitas
puxemos o lustro à estrela polar
e a todas as estrelas que nos guiam

Vamos descolar as nuvens,
lavar, dobrar, salvar
as suas extensões inúteis,
incómodas para a viagem.
Eu sou Penélope
e rejeito teias e fios.
Não vou esperar por ti.

Ordenemos o universo
vamos lavar o convés
e lançar ao mar
tanto lastro inútil,
e assim, sem peso,
com o universo ordenado
desenhemos um mapa para a viagem.

As amantes de Hamlet, 2003
Trad. Ana Luísa Amaral

TIRA a roupa
mostra o corpo
as cicatrices delatorias

ergue o brazo, deixa
que a axila mostre
que te roeu o veneno
até desfigurarte

non ocultes o ventre
a liña que o cruza e que nos conta
que o parto foi difícil

mostra o corpo
tira a roupa
e deixa que as cicatrices
nos conten esa historia
a túa historia

que deixen claro
que venciches

Na casa da avoa, 2017

TIRA a roupa toda
mostra o corpo
as cicatrizes reveladoras

levanta o braço,
possa a axila expor
como te roeu o veneno
até te desfigurar

não escondas o ventre,
a linha que o cruza e nos conta
que o parto foi difícil

mostra o corpo
tira a roupa
e deixa que as cicatrizes
nos contem essa história
a tua história

que deixem claro
que venceste.

Na casa da avoa, 2017
Trad. Ana Luísa Amaral

*Vin sacarte desta miseria / Levarte lonxe dos ollos curiosos / do
monstro fabricado polo home...*

Diana Ferrus, 2000

EXHÍBENTE

mercadoría desprezábel
para o seu refinado gusto
branco
europeo
superior
imperialista

exhíbente
obsesionados
polo teu sexo
polo teu corpo
non poden apartar
os seus ollos
de ti, as súas conversas
de ti, as súas mans
de ti

exhíbente
para insultarte
para sentirse superiores
dominarte
posuírte
extinguírte

medorentos ante
a muller
que exhibe a súa dignidade

máis alá da túa morte
exhíbente
como símbolo de posesión
demostración da grandeza
dos invasores
do imperialismo

do poder alicerzado na dominación
no roubo
no exterminio

colonialismo

mais a voz das mulleres do teu pobo
cunha firmeza inquebrantábel, reclámate
e fai abalar as leis do imperio
aferrado aos trofeos da impudicia

dignidade
ser parte da voz
que te reclama

Na casa da avoa, 2017

*Vim tirar-te desta miséria / Levar-te para longe dos olhares curiosos / do
monstro fabricado pelo homem...
(Diana Ferrus, 2000)*

EXIBEM-TE

És exibida
mercadoria desprezível
para o gosto deles refinado
branco
europeu
superior
imperialista

exibem o teu corpo
obcecados
pelo teu sexo
pelo teu corpo
não conseguem afastar
os olhos de ti, as conversas
de ti, as mãos
de ti

exibem o teu corpo
para te insultarem
para se sentirem superiores
te dominarem
possuírem
te eliminarem

amedrontados perante
a mulher
que exhibe a sua dignidade

mais além da morte
exibem o teu corpo
como símbolo de posse
demonstração da grandeza
dos invasores
do imperialismo

do poder alicerçado na dominação
no roubo
no extermínio

colonialismo

mas a voz das mulheres do teu povo
essa voz de firmeza inquebrantável, reclama-te
e faz abalar as leis do império
ancorado aos troféus da insolência

dignidade
é ser parte da voz
que te reclama

Na casa da avoa, 2017
Trad. Ana Luísa Amaral

NO MUSEO sacro
ás portas da igrexa que non caeu
durante o grande e trágico sismo de Lisboa
a muller emocionábase ao explicar cada vitrina

as figuras tremendistas da paixón
e do castigo

e cando estabamos presos da súa cháchara
e era imposíbel fuxir
deitou o seu veneno

xusto alí onde todo se alicerzaba nos pobos bérberes

unha forma de se odiar

se ela soubese
que nas súas células subsiste a memoria doutros continentes
que ela non é só a muller que naceu aquí
sen pasado nin memoria
que realmente vén ser a confluencia
de pobos que viñeron e foron
unha e outra vez
talvez se recluíse nun daqueles nichos de virxes cuberta
de pés
a cabeza
expiando a culpa de ser

impura

inedito, 2019

NO MUSEU sacro
as portas da igreja que não caiu
durante o grande e trágico terramoto de Lisboa
a mulher emocionava-se a explicar cada expositor

as terríveis figuras da paixão
e do castigo

e quando estávamos já presos daquela conversa
e era impossível fugir,
ela lançou o seu veneno

ali precisamente ali onde tudo se alicerçava nos povos berberes

uma forma de ódio

se ela soubesse
que nas suas células sobrevive a memória de outros continentes
que ela não é só a mulher que nasceu aqui
sem passado nem memória
mas que é realmente a confluência
de povos que vieram e se foram
uma vez, e outra vez depois,
talvez se trancasse num daqueles nichos de virgens coberta
da cabeça
aos pés
expiando a culpa de ser

impura

inédito, 2019

Trad. Ana Luísa Amaral

NOTA

* Marta Dacosta Alonso (Vigo, 1966) é autora de *Crear o mar en Compostela* (1994 e 2004), *Pel de ameixa* (1996), *Setembro* (1998), *En atalaia alerta* (2000), *As Amantes de Hamlet* (2003), *Cinza* (2009), *Acuática alma* (2011), *Argola* (2013), *Dun lago escuro* (2014), *Na casa da avoa* (2017) e *Labirinto ou memoria* (2018). Foi distinguida, entre outros, com os seguintes prémios: González Garcés 1995, Martín Códax 1998, O Figurante 2013 e Joam Carballeira 2013. A sua obra figura em diferentes antologias e está traduzida para espanhol, catalão, russo e inglês. Tem colaborado com diferentes meios de comunicação e atualmente mantém é autora da coluna “Filla de Medea” em *Nôs Diario*.